O Organizador Operário
Internacional
Porta-voz da Fração Leninista Trotskista Internacional - Nova Época

Parte 3
Vol. 1

Setembro 2010 - Valor R$ 1,50 / Solidário R$ 3,00

RESOLUÇÕES DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

Ante as punhaladas pelas costas ao operariado por parte do Foro Social Mundial e os renegados do trotskismo: Por um reagrupamento internacional do operariado para preparar uma contra-ofensiva revolucionária de massas! Por um Comitê Internacional Re-fundador da IV Internacional de 1938!

“Golpeemos juntos à besta imperialista e às direções traidoras que a sustentam!”

Carta da FLTI à 48 Assembléia Internacional Antiguerra do Japão

Argentina: Sobre aprovação da lei de “Casal igualitário”

MAIS UMA VEZ TROTSKISMO VERSUS STALINISMO

A propósito do programa para o triunfo da revolução na Grécia

polêmica do Partido Operário Internacionalista-Quarta Internacional do Chile, integrante da F LTI

“Golpeemos juntos à besta imperialista e às direções traidoras que a sustentam!”

Carta da FLTI à 48 Assembléia Internacional Antiguerra do Japão

Buenos Aires, 30 de Julho de 2010.

À 48º Assembléia Internacional Anti guerra no Japão
Ao Comitê Executivo para a 48º Assembléia Internacional Anti guerra no Japão
Aos combativos estudantes Zengakuren
Ao Comitê Anti guerra da Juventude
Ao JRCL (RMF)

Estimados camaradas

Faz um ano desde a FLTI nos fazíamos presentes em pessoa com um delegado de nossa Fração Internacional na 47º Assembléia Internacional Anti guerra.

A calidez e solidariedade revolucionária com a que fomos recebidos por vocês sentaram as bases para uma luta em comum de nossas forças, levantando juntos acima dos oceanos, como o fizemos, a luta junto aos mineiros peruanos atacados pelo regime assassino de Alan Garcia e Fujimori; de pé junto às massas palestinas massacradas por Obama e o Estado sionista contra revolucionário. O Estado de Israel, gendarme do imperialismo no Oriente Médio transformou Gaza num campo de concentração cercado pela fome e pelos muros do opróbrio, nos quais colocaram como escravos em sua própria terra às massas palestinas.

“Aos camaradas da FLTI. ¡Viva o Internacionalismo proletário! ¡Há que derrotar (o) feroz ataque da burguesia em crise contra as massas!”.
Bandiera presenteada pelos jôvens Zengakuren à FLTI, na 47° Assembléia Internacional Anti-guerra do Japão, em 2009.

Faz um ano a classe operária norte americana tentava dar uma resposta às demissões na Toyota, na Volkswagen, ainda estava vivo o movimento contra a guerra impulsionado desde os portuários da costa oeste; enquanto na Grécia, a classe operária se levantava em combate contra o odiado governo de Karamanlis.

No Madagáscar, no continente africano, operários e camponeses se armavam para conquistar o pão, enquanto na Guadalupe tremiam os açougueiros da V República francesa ante uma greve insurrecional das massas de suas colônias.

O comando ianque põe em pé um novo Estado maior sob o comando de Obama, o seguidor da política criminosa e genocida de Bush.

O último ano desde que nos reunimos pessoalmente na anterior assembléia Anti guerra, podemos afirmar que as massas não fizeram mais que brigar e tentar mil e uma vez iniciar uma contra-ofensiva frente a um capitalismo em bancarrota, que apenas procura de forma cruel jogar-lhe sua crise aos explorados e aos povos oprimidos do mundo.

Neste ano que passou, pudemos viver em carne própria o apotegma do marxismo de que: **Para que a classe operária viva, o imperialismo deve morrer**! Este ainda não foi derrotado pelo proletariado e sobrevive mandando a civilização à barbárie e redobrando a super exploração contra a classe operária mundial.

Mil e um combates protagonizaram a classe operária e os povos oprimidos do mundo. Não foi a inteligência nem a fortaleza de um sistema putrefato o que salvou o capital financeiro em crise.

Nesta época imperialista o capitalismo sobrevive apenas comprando um setor de sua classe inimiga. Um rejunte de direções traidoras foram centralizadas para cercar e estrangular os processos revolucionários e para impedir que numa contra-ofensiva o proletariado avance à única solução a suas penúrias, que não é outra que a tomada do poder e a conquista da ditadura do proletariado sobre as ruínas do regime burguês.

Digamos a verdade. A classe operária não se fez do poder por tração de sua direção e hoje são as massas as que pagam com demissões, desocupações, massacres, aumentos infernais dos ritmos de produção, saques e guerras contra revolucionárias para a sobrevida deste sistema putrefato.

Chegou a hora de falar claro frente à classe operária internacional: hoje Madagáscar e sua heróica revolução foi cercada pelo Fórum Social Mundial na África, sustentado por stalinistas e renegados do trotskismo, que chamaram aos explorados escravizados desse continente a apoiar, cada um respectivamente, a sua burguesia nativa. Rompeu-se a unidade da classe operária do continente para que milhões de párias, operários de cor, sejam super explorados nas minas e nas plantações do imperialismo em

suas próprias terras; enquanto são escravizados com duplas correntes nas potências imperialistas européias, onde depois de ser usados no ciclo de expansão anterior à crise econômica mundial, para realizar os piores trabalhos, agora são lançados como cachorros ao Mediterrâneo.

O mesmo sucede com milhares de imigrantes latino americanos que são expulsos dos EUA, abarrotados nas cárceres de Obama, enquanto com métodos fascistas se levanta um muro entre EUA e México para separar o império do "quintal" que oprime e explora à décadas. É um sistema capitalista putrefato, cujos países "mais avançados" não podem dar-lhes nem sequer uma cama num hospital ou um banco numa escola aos operários e seus filhos que trazem para explorar em sua própria nação. Até ali chegou a podridão deste sistema, sua decomposição, que não é outra que a tardança do triunfo da revolução socialista internacional.

No Leste Europeu, os povos do Glacis foram submetidos aos planos de submissão, espoliação e saque por parte do FMI, enquanto a classe operária russa e das ex repúblicas soviéticas sofreram todo o peso da crise com massacres como na Chechênia e ataques a nível de vida. Isto é assim, porque a burocracia stalinista ontem entregava os ex Estados operários e porque hoje a burocracia sindical e os partidos social imperialistas da Europa desorganizaram a ofensiva das tomadas de fábricas da classe operária francesa, dividiram a luta dos operários da Renault da Rumania que chamavam os seus irmãos de classe na França a lutar por "iguais condições de trabalho, igual salário"; levantaram nas organizações operárias da Inglaterra o grito contra revolucionário de "Trabalho inglês para os ingleses". No EUA, a AFL-CIO traiu a luta dos operários da Toyota. E com organizações como Conlutas e o ELAC, dirigidas pelos renegados do trotskismo no continente americano, estrangularam a ala esquerda da classe operária que se levantava contra a guerra no EUA, que acordava em revoluções como na Bolívia e na Argentina, e que almejava derrotar os golpistas de Honduras. Ali submeteram à classe operária ao "frente democrático" das burguesias bolivarianas, para que hoje a bandeira dos golpistas contra revolucionários impulsionados desde a base ianque flameje nas profundezas onde jazem as tumbas dos operários e camponeses que ousaram levantar-se contra essa ação contra revolucionária, e que foram entregados como carne de cânon da negociação entre as diferentes frações burguesas.

A classe operária japonesa mobiliza-se contra sua propria burguesia imperialista.

Cercos contra revolucionários se impuseram contra as massas revolucionárias palestinas, onde se bombardeou e saqueou convertendo à nação Palestina num gueto pior do que da Varsóvia na segunda guerra mundial. Gaza ficou devastada pelos golpes contra revolucionários do sionismo; enquanto desde Egito, França, Itália e Turquia (um imperialismo agora revestido de "muçulmano" e "democrático", mas não menos assassino de operários do que os ianques) exigem-lhes às massas palestinas que se rendam sob a ameaça de maiores ataques contra revolucionários, e as querem obrigar em negociações espúrias a que reconheçam o Estado sionista de Israel, usurpador da nação palestina.

Este é o papel do Fórum Social Mundial na África: dividir o proletariado mundial e atuar como anestesia para que depois o bisturi do capitalismo rasgue as massas.

Esse foi o papel das direções contra revolucionárias que se juntaram com Conlutas e o CONCLAT em Santos, Brasil: cercar os processos revolucionários, romper a unidade internacional da classe operária em seu combate, centralizar as forças do reformismo e dividir as do proletariado mundial.

Hoje, depois de um ano devemos afirmar que é necessário sacar a amarga conclusão que estas direções cercaram à Grécia revolucionária que com 8 greves gerais combate isolada e cercada pelos partidos social imperialistas e burocracias sindicais, que sustentam a "unidade européia" e a essa gruta de bandidos e saqueadores imperialistas que é Maastricht. Estes vigaristas do proletariado mundial, sustentados pelos renegados do trotskismo, anunciam pomposamente uma "greve européia para fins de setembro", deixando que a classe operária européia antes dessa data seja derrotada país por país, sindicato por sindicato e luta por luta.

Companheiros da 48º Assembléia Internacional Anti guerra, chegou a hora de enfrentar esta guerra contra revolucionária de classes que declarou o imperialismo e as burguesias nacionais: uma guerra aberta, descarnada e cruel contra a classe operária mundial. Uma monumental guerra do capital financeiro contra as massas que tem milhões de mortos de fome, de escravos coloniais,

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

WEB:
www.democraciaobrera.org

BLOG:
http://conscienciaeluta.blogspot.com

MAILS:
varnguarproleta@hotmail.com
fltinternational@ymail.com

de operários suicidando-se como na China na fábrica Foxconn por não resistir mais as condições de trabalho, vivendo atados às máquinas para produzir. Uma guerra contra revolucionária com 43 milhões de operários sem teto, vivendo com 3 dólares por dia de subsídio nos EUA; ou com centenas de milhares de demissões e novos ataques contra todas as conquistas como sucede com a classe operária européia e japonesa; e com os massacres na África, ou as protagonizadas pelas tropas contra revolucionárias de Putin e seu genocídio na Chechênia. Uma guerra aberta contra revolucionária, com massacres como no Iraque, no Afeganistão e na Palestina, com milhares de presos políticos (que são verdadeiros reféns dos exploradores) nas garras das classes inimigas.

Agora se pôs em pé o Fórum Social Mundial no EUA com o lema “Socialismo 2010”. Sob a batuta do SWP inglês e sua corrente ISO nos EUA, reagruparam suas forças os mesmos dirigentes que chamaram a votar abertamente pelo assassino Obama e foram parte das fileiras do Partido Democrata imperialista dos EUA.

Esta gente tem a cara de pau, como serventes que são do HSBC, do Citibank, da rainha da Inglaterra e do açougueiro Obama, de falar agora em nome do socialismo.

Há que desmascarar aos que falando em nome do socialismo têm todas as suas forças postas em salvar o capitalismo, desorganizando os embates revolucionários das massas do mundo!

Chegou a hora de declarar-lhe a guerra dos explorados contra os exploradores, de preparar uma enorme contra-ofensiva para pôr o pé no peito dos capitalistas. Chegou o momento da unidade internacional das forças revolucionárias e internacionalistas da classe operária para centralizar nossas forças e dispersar as forças do reformismo e dos serventes pagamentos do capital que só se dedicam a desorganizar e dividir as filas da classe operária mundial e seus combates.

Volta-se urgente pôr em pé um pólo de organizações operárias revolucionárias do mundo para preparar e organizar uma contra-ofensiva de massas, que ponha à ordem do dia a luta pela tomada do poder pela classe operária e o derrubamento dos Estados e regimes burgueses de todo o planeta.

解放

国際反戦集会の大成功かちとる 8・1

切迫する戦争・戦乱勃発の危機を突き破る反戦闘争の拠点を構築

中央集会に労・学・市民一二〇〇名が結集

瓦解する既成反対運動をのりこえ反戦闘争の爆発を

Documento da FLTI publicado no Kaihoi, jornal da JRCL-RMF do Japão.

De pé, fechemos os punhos, por nossa honra de operários revolucionários internacionalistas: QUE TRIUNFE A GUERRA NACIONAL NO AFEGANISTÃO! PELA DERROTA MILITAR DO IMPERIALISMO IANQUE E DAS TROPAS DA OTAN! POR UM NOVO VIETNÃ! Fora as direções colaboracionistas e servis do açougueiro Obama no EUA! Que se ponha de pé a marcha do milhão de operários contra a guerra! Que se expulsem das organizações operárias os serventes do partido dos “Republicratas”, como são os renegados do trotskismo que abertamente desorganizaram as filas da classe operária para sustentar o governo de Obama, o novo assassino e carcereiro do Guantánamo, dos cárceres da CIA, e o maior chefe de operações contra revolucionárias no mundo!

Camaradas, dia a dia a heróica resistência afegã manda aos EUA dezenas e dezenas de marines em sacos negros como no Vietnã. As forças de ocupação se encontraram já cercadas no Kabul, a decomposição do regime do protetorado e do governo de Karzai já se manifesta. Uma enorme guerra civil de classes enfrenta o exército invasor.

No Iraque, aplicaram derrotas à resistência com o imperialismo turco massacrando pelo norte e Al Sadr e as burguesias muçulmanas entrando ao governo do protetorado ianque e entregando a luta das massas xiitas, com o apoio dos sínicos aiatolás iranianos massacradores da classe operária de seu país. Hoje é no Afeganistão onde serão vingados os heróicos combatentes de Fallujah e as heróicas massas massacradas e escravizadas na Palestina.

Também para impedir que a guerra nacional afegã e a heróica resistência palestina cheguem às metrópoles e ao coração da besta imperialista ianque é que se reagruparam as forças reformistas organizadas no Fórum Social Mundial na África, impedindo que se sincronize a luta da classe operária internacional.

Hoje a resistência deve atalonarse e, pese a tantas traições e tiros pelas costas ao proletariado mundial, fez isso. Resiste-se no Afeganistão e passa ali à ofensiva. Palestina não se rende. Fortemente a classe operária grega mantém vivo o fogo que pode incendiar Paris; e os operários chineses demonstraram, como em Tonghua e Lingzou, degolando os exploradores que querem despedir os operários, como se enfrenta o ataque dos capitalistas.

Camaradas, há que centralizar a resistência. Há que preparar a contra-ofensiva. Há que dizer à classe operária a verdade: que são eles ou nós, os explorados ou os exploradores; que se acabou a época das lutas nacionais; que direções centralizadas pelo capital financeiro procuram derrotar-nos através de país por país. Chegou a hora de levantar o encaminhamento da unidade da classe operária mundial, expurgando de suas filas a todas as direções colaboracionistas dos exploradores, que desfazem a cada passo o que as massas constroem em sua luta.

Nesta 48º Assembléia Internacional Anti guerra, fazemos-lhes duas propostas para lutar juntos:

Como primeiro encaminhamento: impulsionemos juntos uma campanha internacional para, com uma política da classe operária mundial, realmente derrotar o cerco contra as massas palestinas, chamando a todas as organizações Operárias a pôr em pé brigadas Operárias internacionais para ir combater na Gaza cercada e massacrada, e junto à classe operária do Egito demolir o muro da vergonha de Rafah. Assim ficará demonstrado ante o proletariado mundial que não é da mão dos imperialismos assassinos como o turco, invasor do Iraque e sócio dos ianques, nem com seus serventes das burguesias nativas como a do Egito que vai romper o bloqueio e isolamento das massas palestinas.

Na África martirizada pelo imperialismo se puseram em pé os Comitês pela Liberdade do Movimento Palestino. Com a WIVL (Workers International Vanguard League) da África do Sul à cabeça, a FLTI tomou em suas mãos o chamado destes Comitês a pôr em pé brigadas internacionais das organizações operárias do mundo para derrubar o muro do opróbrio de Rafah que cerca e garante o massacre contra o povo palestino. Impulsionemos juntos este chamado em todas as organizações Operárias do Japão e todo o Extremo Oriente! Brigadas internacionais para derrubar o muro do opróbrio! Pela destruição do Estado sionista fascista de Israel!

Vocês camaradas, têm uma grande obrigação internacionalista. Japão acompanha o EUA em suas aventuras militares, não só em Iraque senão fundamentalmente em Afeganistão.

Faz tão só 3 meses que os operários revolucionários de Quirguistão deram um passo decisivo armando-se, derrotando o governo odiado de Bakiev e desmantelando o Estado. Eles demonstraram como se para a guerra. Nesse país está a base ianque desde onde se dirigem os comandos e o ataque contra Afeganistão.

Por isso, nosso segundo encaminhamento é lutar para romper o cerco que se impôs à grande revolução de Quirguistão, e demolir as bases ianques e seu comando asiático desde onde se ataca Afeganistão, porque desde ali as massas poderão ser a vanguarda decisiva do triunfo militar dos explorados afegãos. Há que sublevar a classe operária européia, asiática e mundial contra os pogroms que, organizados desde a base ianque e o assentamento das tropas contra revolucionárias de Moscú em Quirguistão, querem massacrar o coração da revolução desse país. Quirguistão volta a propor e a pôr à ordem do dia a luta pela restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias, ali onde a marca stalinista os entregou à economia mundial capitalista.

Camaradas, comprometamo-nos a lutar juntos para romper o cerco que tenderam às massas gregas. A tragédia das 8 greves gerais e as massas com piores padecimentos, põem ao vermelho vivo que se não triunfa a revolução operária e se não destrói o Estado burguês, não há solução para defender e manter nenhuma das conquistas da classe Operária internacional.

Com seu cretinismo sindicalista, os anarquistas, stalinistas e renegados do trotskismo, depois de sustentar a Papandreu seguidor da política anti operária de Karamanlis, hoje se seguem negando a pôr em pé, depois das 8 greves gerais, os conselhos de operário de soldados. Negam-se a preparar à classe operária grega para destruir o Estado burguês e fazer-se do poder.

Pôs-se em pé, centralizada e disciplinada pelo capital financeiro internacional, a assim chamada "Quinta Internacional", não menos contra revolucionária do que a internacional de Stalin ou a de Kautzky no século XX, integrada por Chávez e as burguesias bolivarianas. Nela tem um lugar de honra o assassino contra revolucionário e escravista de seu próprio povo Hu Jintao junto com os mandarins vermelhos chineses. Esta internacional contra revolucionária se nutre com os desfeitos do stalinismo e com a burocracia restauracionista castrista, que avançou a passos gigantescos a entregar a conquista da revolução cubana ao capitalismo mundial, depois de trair a revolução latino americana e o acordar da classe operária dos EUA. A seu lado, os renegados do trotskismo legitimam o pérfido acionar destas forças contra revolucionárias e se preparam para desmoralizar e derrotar a ala esquerda do proletariado internacional, como já o vem fazendo.

Estas forças se centralizaram na Europa, na África e na América. Hoje se preparam para em novembro organizar suas forças e centralizar-se no Japão. Eles sabem que o proletariado chinês entrou em manobras de combate. São conscientes que não somente se alistam os canhões na península da Coréia, senão que ademais as massas da Coréia do norte já iniciaram revoltas contra o saque de seu salário e a fome generalizada ameaçam com o unir-se aos explorados da China, questão que abriria um vulcão incontrolável nessa grande maquiladora em que devieram os países e as nações oprimidas do Extremo Oriente. O encaminhamento aprovado no último congresso da Conlutas de marchar a um grupamento impulsionado por Chukaku-ha no Japão em novembro indica que já as massas chinesas, coreanas, e do Pacífico entraram em combate, e que o imperialismo precisa de seus serventes e de seus agentes para desde Japão conter todo processo revolucionário na Ásia.

Camaradas, faz mais de dois meses se sublevavam as massas da Tailândia. O imperialismo japonês, de forma silenciosa, junto ao imperialismo ianque, lotam de maquiladoras a península da Indochina como o fez ontem na China e na Coréia do Sul. Hoje o imperialismo nipón lhe quer fazer crer a sua classe operária, para que suporte a crise, que o império japonês está em bancarrota. Mentira! Eles amassam enormes fortunas com suas corporações e capital financeiro junto aos ianques, com suas multinacionais na Ásia, na China, na Indochina, rapinando o petróleo iraquiano e saqueando a América Latina e a África.

O choque de classes que chegam ao Extremo Oriente mostrará na história que os combates da Grécia, Palestina, Afeganistão não foram mais que as primeiras batalhas de uma guerra de classes internacional.

É por isso, voltamos a insistir, que se prepara para novembro um congresso no Japão, que foi votado na reunião do Brasil, na "Contracumbre" do Madri e também o votaram no Fórum Social Mundial nos EUA os serventes de Obama. Justamente para pôr em pé as forças contra revolucionárias para deter a investida revolucionária com que ameaça o proletariado da Ásia desde os combates, a resistência e as revoltas de Tailândia, Birmania, Coréia e a China martirizada.

Chukaku-ha é a “nova estrela” que utilizam como mascaro de proa, para desorganizar o proletariado japonês e asiático. Vocês denunciam em sua carta a Conlutas como estes serventes do Estado imperialista japonês tentaram a cada passo desorganizar as filas do proletariado em seu país. Mas chegou a hora de compreendamos que isto é o que estão fazendo e fizeram as direções reformistas a todo o proletariado mundial. O planeta se encheu de “Chukaku-has” para desorganizar e atirar-lhe tiros pelas costas no melhor do proletariado mundial. A crise de direção revolucionária do proletariado mundial não deixa de agravar-se. O planeta tem super população de direções contra revolucionárias, que o capitalismo em crise precisa para salvar seus lucros e defender-se da revolução proletária. Hoje tem mais atualidade que nunca o Programa de Transição da Quarta Internacional quando afirma: *“As charlatanearias de toda espécie segundo as quais as condições históricas não estariam ainda “maduras” para o socialismo não são senão o produto da ignorância ou de um engano consciente. As condições objetivas da revolução proletária não só estão maduras senão que começaram a se descompor. Sem revolução social num próximo período histórico, a civilização humana está sob ameaça de ser arrasada por uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, isto é, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade se reduz à direção revolucionária.”*

Os Zengakurem enfrentam a maquinaria de guerra imperialista em seu proprio pais.

Chegou a hora de romper o isolamento das forças revolucionárias do planeta. É hora de brigar juntos, com um programa que chame o proletariado a combater pela tomada do poder e que realize um apelo audaz para reagrupar as filas da classe Operária num Congresso Internacional. Porque, sobretudo, é tempo de juntos dar golpes decisivos que permitam um salto para adiante na subjetividade do proletariado mundial. Vocês e nós, e todas as organizações que se reivindicam da luta pela revolução socialista, temos o dever de fazê-lo.

Contra o chamado à reunião internacional no Japão de Chukaku-Hà e os renegados do trotskismo organizados no CONCLAT, na “Contracumbre” do Madri e a reunião do “Socialismo 2010” do EUA dirigido por militantes da esquerda do partido contra revolucionário dos açougueiros democratas ianques, isto é, ao chamado a reagrupar-se internacionalmente do Fórum Social Mundial e do V Internacional, há que lhe opor um chamado imediato para que em novembro no Japão, se reúna um Congresso de todas as organizações operárias revolucionárias do mundo, para que no centro da cena mundial voltem a pesar e vibrar os combates revolucionários: Basta de tanta traição! Uma só classe mundial, uma só luta! Rompamos o cerco das massas palestinas! Brigadas Operárias para derrubar o muro que cerca às massas palestinas e reabrir o caminho da revolução socialista que destrua o Estado sionista fascista de Israel! Que volte a marcha do milhão de operários nos EUA! Que surjam os sovietes e o armamento das massas para que o fogo da Grécia incendeie Paris! Que volte a revolução operária e camponesa na Bolívia e América Latina! Que se levantem junto às massas do Madagáscar os operários e camponeses da África martirizada, seguindo o exemplo do movimento 1° de Março que organizou a greve geral continental dos trabalhadores imigrantes na Europa! Que se volte a pôr em pé a classe operária do Vietnã, hoje submetida aos piores padecimentos e escravatura nas maquiladoras do mesmo imperialismo que foi derrotado militarmente na década de 70 e que tinham fugido como um rato, pendurado nos helicópteros, enquanto se sublevava a classe operária norte americana! Que Afeganistão se transforme num novo Vietnã!

Camaradas:

O mercado mundial diminui. Maastricht já é um sonho do passado e as disputas das diferentes potências imperialistas pelo botim, que diminuiu, se acrescentaram cada vez mais. Como o demonstra a crise Grega ou como a da Espanha e da Itália, sobram potências imperialistas no planeta. Não é a hora do surgimento de novas potências imperialistas. Isso é dar-lhe uma bendição de “progressivo” a um sistema decadente na história. Se a revolução proletária não o impede, se abrirá o caminho à guerra inter-imperialista, porque potências imperialistas pedirão suas zonas de influência e se voltarão mais agressivas, arrastando à civilização a uma nova carniçaria mundial.

Como vemos, o capital financeiro de Wall Street não consegue ainda recuperar os dividendos e benefícios que se gastou o capitalismo mundial a conta do que não se produziu ainda.

A tendência contra-restaste e o ciclo de expansão chinês não poderá recompor a taxa de lucro do capitalismo em bancarrota, e muito menos de recuperar os 90 bilhões de dólares do que se gastou o parasitismo deste sistema infame. Se o mercado mundial diminui e a revolução proletária não triunfa, como diria a IV Internacional em 1940 no Manifesto sobre a Guerra, os abutres se disputaram a picotados limpos os desfeitos da produção capitalista, o que significará o caminho à guerra, que começará onde e como terminou a segunda guerra inter imperialista.

Só derrotando a atual ofensiva contra revolucionária das classes dominantes com a revolução socialista mundial se pode fechar o caminho à guerra. A guerra barra-se unindo as filas da classe operária internacional. A guerra barra-se derrotando às direções que submetem ao proletariado à burguesia, a seus cantos de sereia, que só tentam apagar o fogo da luta das massas do mundo.

Golpeemos juntos!

Rompamos o isolamento à classe operária mundial!

Congresso internacional das organizações operárias revolucionárias em Tokio em novembro para enfrentar e apresentar-lhe a batalha ao congresso dos serventes de Obama, dos desfeitos do stalinismo, sustentados todos pelos renegados do trotskismo!

No congresso da Conlutas no Brasil junto com a Intersindical (CONCLAT), faz menos de dois meses, os fabris de La Paz propuseram o encaminhamento de enfrentar à demagogia das burguesias nacionais. Seu encaminhamento foi recusado por centenas de organizações que dizem falar em nome do socialismo revolucionário.

No encaminhamento dos operários fabris de La Paz, no combate internacional pela causa palestina, nos combates revolucionários do Quirguistão, nas greves gerais da Grécia e nas aguerridas lutas da classe operária européia, e no proletariado chinês e asiático que se põe em marcha estão às forças para convocar a este congresso internacional já.

Vocês denunciam corretamente, numa carta enviada a Conlutas, como o proletariado japonês foi atacado pelas costas em dezenas de oportunidades, como é o caso de Chukaku-ha, questão que pela primeira vez se conhece no proletariado do ocidente.

A classe Operária mundial deve saber que nesses congressos dos serventes de Obama no EUA, nos congressos que como em Madri cercam a revolução grega e européia, ou os que como em Brasil submetem à classe Operária americana às burguesias nativas, apresentam-se como amigos da classe Operária mundial os que lhe dispararam pelas costas ao proletariado japonês dezenas e centenas de vezes.

Chegou a hora de desmascarar tanta infâmia, mentira e omissão da verdade ante os olhos do proletariado internacional. A classe operária chinesa, da Indochina, da África e da Europa precisa saber a verdade. Como falaria Lenine, é necessária luz, luz mais luz, para que os operários do mundo possam distinguir quem são seus aliados e quem são seus inimigos.

Vocês têm em suas mãos a possibilidade de clarificar isto ante o proletariado asiático e internacional. Por isso queremos fazer-lhe uma última proposta antes de saudar aos presentes nesta assembléia e levantar o punho junto a vocês como o fizemos durante anos.

Há que pôr em pé um Comitê operário Internacional que pesquise e diga toda a verdade sobre os crimes cometidos contra os melhores elementos da vanguarda Operária japonesa desde os da década de 70 até hoje. Eles foram assassinados por uma verdadeira quinta coluna que massacra pelas costas à classe operária. Assim atuou o stalinismo durante a guerra civil espanhola atirando pelas costas contra os melhores combatentes do proletariado.

Camaradas, chegou a hora de que os crimes cometidos contra a classe operária japonesa sejam conhecidos pela classe operária internacional. Convoquem vocês a um Comitê Operário Internacional que pesquise, julgue e condene os serventes das corporações japonesas. A classe Operária internacional precisa saber quem são seus aliados e quem são seus inimigos. Isto exige o combate que está por diante. Em sua carta, vocês denunciam com dados e provas o nefasto papel de Chukaku-Hà e a utilização dessa corrente por parte do Estado assassino japonês. As provas que vocês apresentam devem pôr-se a disposição de um Comitê de Organizações Operárias Revolucionárias do mundo para que procure a verdade e toda a verdade. Assim se fará justiça pelos mártires do proletariado japonês.

Camaradas, levantemos o punho. A luta nacional isolada pode levar a que fracassem todas as ofensivas que protagonizamos em cada país. Nenhuma classe Operária se salvará a sí mesma no terreno nacional. O proletariado não tem fronteiras, só correntes por romper.

Proletários do mundo uni-vos!

Tal como propõe o Programa de Transição da Quarta Internacional: *"A Quarta Internacional goza já desde agora do justo ódio dos stalinistas, dos socialdemocratas, dos liberais burgueses e dos fascistas. Não tem e nem pode ter lugar algum em nenhuma frente popular. Combate irredutivelmente a todos os grupos políticos unidos à burguesia. Sua missão consiste em aniquilar a dominação do capital. Seu objetivo é o socialismo. Seu método, a revolução proletária."*

Desde a FLTI afirmamos que se esta não triunfa o fascismo, a contra revolução e a guerra levaram o proletariado e a humanidade à barbárie. A última palavra não está dita na história. O proletariado ainda não despregou toda sua potencialidade. Milhões de explorados se incorporam ao combate. Os operários chineses, norte coreanos e tailandeses, que começaram a brigar, anunciam que o proletariado do Pacífico está próximo a ingressar em manobras revolucionárias. A vanguarda proletária japonesa deve unir sua sorte à sorte do proletariado asiático, onde seu imperialismo cometeu e comete os piores crimes.

Tudo depende então da celeridade com a que a vanguarda revolucionária consiga reagrupar suas forças. A luta pela revolução socialista se pôs à ordem do dia. Essas são as bandeiras que devemos levantar juntos!

Operários revolucionários do Japão enviamos-lhes nossos mais calorosas saudações internacionalistas

Viva a combativa e revolucionária juventude agrupada nos Zengakuren!

Golpeemos juntos à besta imperialista e às direções traidoras que a sustentam!

Carlos Munzer, Laura Sánchez e Aníbal Vera
Pelo Secretariado de Coordenação Internacional da Fração Leninista Trotskista Internacional

Integrada por:

Liga Trotskista Internacionalista (LTI), da Bolívia
Liga Operária Internacional de Vanguarda (WIVL), da África do Sul
Liga Revolucionária Internacional-CI (IRL-FI), do Zimbábue
Liga Operária Internacionalista-CI - Democracia Operária, da Argentina
Liga Trotskista Internacionalista (LTI), do Peru
Partido Operário Internacionalista-CI (POI-CI), do Chile
Fração Trotskista - Vanguarda Proletária (FT-VP), do Brasil

Sobre aprovação da lei de "Casal igualitário"

O dia 15/7 se aprovou no Senado a lei de "Casal igualitário" entre pessoas do mesmo sexo. Os trotskistas não somos neutrais no combate pelas demandas democráticas dos explorados. Defendemos a más mínima das demandas, mas com o método da revolução proletária, sem chamar a pressionar a instituição burguesa nenhuma para que estas as realizem. Polemizamos aqui com o veneno da política de colaboração de classes espalhado pelo conjunto das organizações da esquerda reformista.

MAIS UMA VEZ TROTSKISMO VERSUS STALINISMO

Os renegados do trotskismo com sua "teoria" da revolução por etapas aos pés da burguesia

O PO em seu artículo titulado *"O significado duma vitória"* propõe: *"Estamos sob uma forte preção externa, disse Rodríguez Saa (…)* ***O Senado deliberou sob essa preção*** *" (…) "****A aprovação do casal igualitário é uma inquestionável vitória dos direitos democráticos****, contra o clero e contra a reação política". "****A vitória do casal homossexual é um acicate para a conquista de todos os reclamos democráticos e sociais irresoluto, desde o direito ao aborto até a conquista do 82% móvel.****"* (Prensa Obrera, N°1137 15/7/2010)

O PTS através de seu dirigente Andrea D'Atri diz: *"É o resultado de uma longa luta do movimento gays, lesbianas, travestis e transexuais, como também de diferentes organizações sociais e políticas que acompanhamos permanentemente o reclamo de igualdade de direitos. Mas* ***também significa um primeiro passo muito importante que nos pode permitir avançar em outros direitos e liberdades democráticas, como o direito ao aborto ou a separação da igreja do Estado"***. (A Verdade Operária N°383, 15/7/2010).

Tanto o MAS, como o MST, a CI e o conjunto das organizações da esquerda reformista, expressaram-se no mesmo sentido. Os renegados do trotskismo no *"frente democrático"* todos juntos afirmam: ***Triunfo histórico!*** e agora… ***Vamos por mais!***

Os renegados do trotskismo, a pata esquerda do regime da arqui - reacionária constituição de 1853/1994.

Com esta pequena concessão do "Casal igualitário", o parlamento burguês "outorga" uma demanda democrática a um setor minoritário historicamente oprimido, que põe em "igualdade" de direitos a um operário homossexual com um heterossexual, no que respeita a questões como direito a obra social, pensão, adoção e herança. Esta é uma concessão ultra parcial que não afeta em nada os interesses da burguesia. Não toca seu sacrossanta propriedade privada e não resolve nenhum problema estrutural de todas as demandas democráticas da classe operária e o povo pobre. A discriminação se acabará só com o triunfo da revolução socialista! O que não significa desaproveitar toda concessão por mínima que seja, arrancada à burguesia, como quando lutamos por um 50% de aumento salarial e só nos dão o 5%. Tomamo-lo no caminho de seguir lutando, mas dizendo a verdade dos trabalhadores, que é uma miséria!

Esta lei não regerá para todos os homossexuais por igual, como nos quer fazer crer a burguesia e a esquerda reformista. Porque há homossexuais burgueses e proletários, e esta lei não apaga a barreira de classe como não apaga nenhuma lei surgida desta gruta de bandidos. O parlamento burguês que é *a envoltura más doce da mais feroz ditadura do capital*, se encobre com fraseologia de igualdade e democracia para garantir a super exploração da classe operária e o saque à nação por parte do imperialismo.

Ante isto, a esquerda reformista -longe de lutar por separar a cada passo ao proletariado da influência da burguesia liberal como marcasse Lenine- é quem se põe de pé e aplaude a seu ***parlamento "democrático"***, onde o governo dos Kirchner, a "oposição" gorila, sustentados pela burocracia pistoleira da CGT e a CTA, legitimam seu brutal ataque contra a classe operária e o povo pobre em geral, e seu política de extermínio contra a juventude operária e a super exploração da mulher trabalhadora. Enquanto mantêm a milhares de operários e estudantes sob processo judicial e a outros encarcerados pelo "delito" de lutar pela mais mínima das demandas democráticas: o direito a um trabalho e a um salário digno para chegar a fim de mês.

Infelizmente os renegados do trotskismo terminam aplaudindo raivosamente junto à burguesia imperialista e Obama, quem a través do jornal Washington Post deu saudações e destacou a lei "impulsionada pelo governo Cristina Kirchner". Os renegados do trotskismo tentam ocultar seu desbarranque afirmando que "a lei foi impulsionada pela centro esquerda", isto é pela ala que comanda Pino Solanas, um burguês tão reacionário como os Kirchner e a oposição gorila.

Desgraçadamente todas as organizações dos renegados do trotskismo foram com suas bandeiras e cartazes ao congresso. Ali se pôde ver como o PTS exultante de alegria aplaudia ao parlamento que votou a lei do "casal igualitário", demonstrando ser uma organização pequeno burguesa das capas patrícias da capital, que não fazem outra coisa que abrir "casas da juventude" para "educar" aos jovens ao melhor estilo do partido socialista de Juan B. Justo, questão que até envergonharia ao mesmíssimo Nahuel Moreno e seu política de "corrente socialista".

Marcha de la comunidad gay ante Parlamento de la archi-reaccionaria constitución de 1853/1994.

Não há nada que comemorar! Esta lei do "casal igualitário" é uma pequena concessão utilizada de forma reacionária pela burguesia que tenta adormecer às massas, às quais a esquerda reformista com seus bombos e pratinhos lhe criam a consciência de que com o parlamento burguês se resolvem todos seus problemas. Assim, os renegados do trotskismo são a pata esquerda do regime da arqui-reacionária Constituição de 1853/1994.

A esquerda reformista deve responder, desde quando o parlamento burguês pode votar algo favorável aos trabalhadores? Se este é o mesmo parlamento reacionário que sustentou e aprovou toda a política anti-operária nos últimos cem anos. O que avaliou o massacre operária na ***Semana Trágica*** e na ***Patagônia Rebelde***. O que avaliou o extermínio da vanguarda operária nos anos '70, como propusesse o gorila radical Balbín, com o pretexto de liquidar à ***"guerrilha fabril".*** O que avaliou sob o governo "democrático" do Geral Perón, Isabel e López Rega as massacres da Triple A (Aliança Anticomunista Argentina, NdT) contra más de 1500 lutadores operários e populares. O que avaliou o decreto do ***"Operativo Independência"*** em 1975, que preparou o caminho para o golpe gorila de Videla e seu genocídio. O que votou as leis do ***"Ponto Final"*** e a ***"Obediência Devida"*** que mantém livres a todos os milicos genocidas. O que votou ***o pagamento da "dívida externa"***, o que garantiu o saque da nação com as ***privatizações***, e o que impôs a flexibilização trabalhista escravista da mão da lei ***"Banelco"***.

A "frente democrática": a política de colaboração de classes para subordinar aos explorados à burguesia

O conjunto dos renegados do trotskismo nos querem convencer que numa frente "democrática" com a burguesia "progressista", pressionando a este parlamento reacionário conseguiremos desde o direito ao aborto até o 82% móvel para aposentadoria, a separação da igreja do estado e demais. Sem vergonhas! Assim o único que conseguem os trabalhadores é renunciar a suas demandas e subordinar-se aos interesses da burguesia!

Esta é a política que impulsionam as direções reformistas de todo pelagem, desde o CONCLAT, como continuidade do ELAC, a "Contra-cume dos Povos" do Madri, o "Encontro Socialismo 2010" do FSM nos EUA, e a V Internacional, para submeter ao proletariado à burguesia "democrática". Assim atuaram na Honduras ante o golpe contra revolucionário de Obama e sua base militar, a United Fruit, a igreja e Micheletti, subordinando aos explorados ao bolivariano Zelaya (o presidente deposto) e onde se negaram a enfrentar ao golpe militar com os métodos da revolução proletária, permitindo que massacrassem à vanguarda operária e camponesa hondurenha e que se consolidasse o golpe. Assim atuaram na Bolívia, junto ao burocrata Montes da COB, negando-se a denunciar a Evo Morales submetendo ao combativo proletariado boliviano ao governo burguês da frente popular "democrática". Assim permitiram que estes pactuem com a Média Lua fascista massacradora de operários e camponeses e estabilizem o regime expropriador da revolução, com uma Constituição e um governo da frente popular que não lhes dá nem o pão aos operários, nem a terra aos camponeses, nem o gás aos bolivianos, nem racha com o imperialismo. Assim impulsionam ferventemente a frente "democrática" que na Palestina tenta impor a rendição das massas da Gaza para que aceitem ao "Estado de Israel" e a política dos "dois Estados". Assim atuam ao interior do imperialismo ianque, propondo que a chegada de Obama ao governo é "um dos maiores golpes contra o racismo em sua história", embelezando ao mesmíssimo açougueiro Obama que comanda o massacre ianque

na Palestina, Iraque, Paquistão, Afeganistão e aos povos de Oriente Médio.

Os renegados do trotskismo: gerando ilusões no parlamento burguês sustentam a teoria do "socialismo pela via pacifica"'

Infelizmente apoiando à burguesia "democrática" é a prova de que faz tempo renegaram da luta pela tomada do poder pela classe operária. Assim demonstraram ser inimigos do apotegma do Manifesto Comunista que afirma que *"A liberação dos trabalhadores, será obra dos trabalhadores mesmos"*.

Os renegados do trotskismo querem fazer-nos crer aos trabalhadores que: "mobilizando-nos por milhares e pressionando ao parlamento podemos ir da pouco conseguindo nossas demandas". "Já conseguimos a lei do casal igualitário". "Depois conseguiremos o 82% de aposentadoria móvel". "Depois afastaremos à Igreja do Estado". "E Assim sucessivamente, da pouquinho e devagar chegaremos ao socialismo". Isto é o que nos estão dizendo, que se pode chegar ao socialismo pela via pacifica. Isto foi o mesmo que no 73 lhe disse Fidel Castro às massas armadas dos cordões industriais no Chile, chamando a que se desarmem, deixando inermes e impotentes ante o iminente golpe sangrento do chacal Pinochet e a ITT.

Agora bem, a desfaçatez dos renegados do trotskismo não tem limites, gritam aos quatro ventos que se deve separar à igreja do Estado, eliminar os subsídios, expropriar seus bens para pô-los ao serviço da educação pública para melhorar os prédios e pagar-lhe melhores salários aos professores e que os padres vão a trabalhar, sem dizer que há que desapropriar à Olivetti, à Fiat, a Techint, a Pérez Companc, a Siderar, etc. Querem fazer-nos crer que pacificamente a igreja vai entregar-nos suas riquezas sem opor nenhuma resistência? Os mesmos burgueses genocidas que levaram a Mussolini ao poder na Itália? Se por disputas menores como a ensino de religião nas escolas, a igreja católica e a burguesia unida a ela, junto à embaixada ianque em junho do 55 chamaram ao almirante Rojas, para que com seus aviões bombardeasse a Praça de Maio e massacrasse a más de mil trabalhadores que saíram em defesa do governo de Perón, quem depois como bom "democrata" fugiu ao Paraguai ante a consumação do golpe gorila o 16 de setembro de 1955.

Os reformistas nos propõem que por via parlamentar vamos poder resolver as demandas democráticas pacificamente e depois, ninguém sabe quando, vamos lutar pela revolução socialista! Mas isto não é nada novo, é a velha pseudo-teoria da ***"revolução por etapas"*** da burocracia stalinista.

Os renegados do trotskismo, liquidadores da teoria programa da Revolução Permanente. Continuadores da velha pseudo teoria da revolução por etapas do stalinismo!

É por isso que nada têm de trotskistas os usurpadores e destruidores da IV Internacional, sepultureiros de sua teoria programa da Revolução Permanente que com toda clareza Leon Trotsky propusesse em suas teses: *"2. Com respeito aos países de desenvolvimento burguês atrasado, e em particular dos coloniais e semi coloniais, a teoria da* ***revolução permanente significa que a resolução íntegra e efetiva de seus fins democráticos e da sua emancipação nacional tão só pode conceber-se por meio da ditadura do proletariado****, empunhando ele o poder como caudilho da nação oprimida e, antes de tudo, de suas massas camponesas. 3. O problema agrário, e com ele o problema nacional, atribuem aos camponeses, que constituem a maioria terminante da população dos países atrasados, um posto excepcional na revolução democrática. Sem a aliança do proletariado com os camponeses, os fins da revolução democrática não só não podem realizar-se, senão que nem sequer cabe propor-lo seriamente.* ***No entanto, a aliança destas duas classes não é viável más que lutando irreconciliávelmente contra a influência da burguesia liberal-nacional****"*. (Em negrito nossos)

As organizações como o PTS, o PO, o MAS, o MST, etc., renegaram do combate contra todos os grupos políticos unidos à burguesia, do combate por impulsionar a mas ampla autodeterminação e auto-organização das massas exploradas para, pondo em pé os soviets e a milícia operária, lutar pela tomada do poder pela classe operária. São fiéis continuadores e herdeiros da revolução por etapas, segundo a qual o proletariado deve subordinar-se politicamente às frações ou variantes pretensamente "democráticas" da burguesia para enfrentar às frações "de direita", "fascistas", etc., e unicamente depois, uma vez vencida, "a direita", poderia a classe operária lutar por suas próprias reivindicações. Hoje com a mentira de derrotar ao padre Bergoglio e a fração burguesa de "direita" subordinam aos explorados à não menos gorila e reacionária burguesia "progressista" da gruta de delinqüentes do parlamento argentino.

Com esta "teoria" da revolução por etapas, o stalinismo estrangulou e levou à derrota a dezenas e centenas de revoluções e também guerras de liberação nacional das nações coloniais e semi coloniais.

Infelizmente os renegados do trotskismo seguem ao pé da letra o nefasto legado que lhes deixou a ex burocracia stalinista hoje devinda em burguesia depois de entregar os antigos Estados operários à restauração capitalista.

WALTER MONTOYA

vem de contracapa

–os mesmos que chamaram agentes da CIA aos jovens sublevados das barricadas- e toda a esquerda reformista, incluído o anarquismo, somou-se a uma ou outra coligação eleitoral e assim legitimou ao novo governo e se fortaleceu um regime que tinha ficado encostado pelos embates revolucionários das massas.

Dessa maneira se constituiu um verdadeiro frente democrático com a cara "bonachona" de Papandreu contra o "conservador" Karamanlis. Esse frente democrático, representante dos mesmos interesses que Karamanlis, instalou-se para enganar às massas e desviar suas ações revolucionárias contra o regime pela via eleitoral, com demagogia pacifista e bonachona. Assim, "legitimava-se" o Estado imperialista grego, que não só aplicava o plano de ataque às conquistas operárias senão que, e já sob o governo de Papandreu, redobrava a ofensiva repressiva: todas as noites a polícia e suas forças especiais faziam repressões massivas nos bairros operários e de imigrantes, encarcerava ao melhor da vanguarda combativa e utilizava às bandas fascistas, armadas pelo grande capital para amedrontar aos jovens e operários em luta atacando os locais das organizações operárias, como os do EEK[1] e os anarquistas.

As massas com suas heróicas ações se punham à ofensiva enquanto o conjunto das direções que estavam a sua frente, os anarquistas e restantes reformistas, diziam que só tinha condições para resistir. Foi esse acionar o que lhe abriu o caminho à burguesia, que com frases doces e pancadas preparava e aprofundava então uma verdadeira contra-ofensiva.

O cretinismo sindicalista do EEK, primo irmão do cretinismo sindicalista do anarquismo

Em seu balanço da greve geral revolucionária do 5 de maio passado, Savas Michael, o dirigente do EEK, diz: *"Não pagaremos as dívidas dos ladrões capitalistas! Repudiamos a dívida aos usurários internacionais! Fora o FMI, a União Européia do grande capital* ***e o governo do PASOK! Greve Geral indefinida para abrir o caminho ao poder operário e ao socialismo!"*** ("O vulcão grego: a Greve Geral do 5 de Maio em Grécia" - Em negrito inseridos)

Em primeiro lugar, o EEK diz isto pese a que em dezembro de 2008 a classe operária embestou contra o regime grego e o governo Karamanlis, com uma ação independente de massas que não só superou à greve geral senão que ademais a subsumiu: com combates de barricadas e um estado de revolta generalizado que durou dezenas de dias. De igual modo sustenta esta política ainda quando a classe operária grega vem de ter desenvolveu, só em 2010, SETE (!) greves gerais, e ainda não conseguiu parar o ataque.

Em segunda instância, falou opondo-se às lições do marxismo revolucionário já que lhe diz à vanguarda operária que o máximo que pode fazer em sua luta contra o domínio da burguesia, seu governo, regime e Estado é a greve geral, negando as perspectivas de combates superiores que essa medida de luta abre.

O EEK, ao igual que em dezembro de 2008 e os primeiros meses de 2009 (quando persistiam os grandiosos combates dos explorados gregos), outra vez dá mostras de seu exacerbado cretinismo sindicalista, que faz um fetiche da greve geral. O EEK se levanta contra o marxismo que estabeleceu como uma questão elementar da estratégia revolucionária que a greve geral propõe o problema do poder, mas não o resolve.

Em essência o mesmo fazem as direções reformistas em toda Europa: em momento que a classe operária briga por responder à guerra de classes que declarou a burguesia, as burocracias sindicais secundadas pelos partidos e direções social imperialistas chamam a paralisações e lutas de pressão, para morigerar a crise, para regular o ataque do grande capital contra o proletariado e os explorados.

Chamam a uma greve geral para o 29 de setembro! Na Europa, quando os planos de demissões como na Itália, as rebaixas salariais, a expulsão dos imigrantes, o ataque às aposentadorias etc., já foram lançados, ou bem aprovados pelos parlamentos fantoches, ou bem sacado como decreto (medidas provisórias, NdT). Uma canalhada. Enquanto deixam isolada a greve do metrô na Espanha e a luta do proletariado grego que vem de fazer sua SÉTIMA greve geral. É que foram chamados a cumprir o pérfido papel de dividir as filas operárias e deixá-las isoladas país por país, submetidas a suas respectivas burguesias.

Os Altamiristas[2] não inventam nada novo, sua estratégia é uma reedição disfarçada de trotskismo da política anarquista. Em última instância o que estão propondo é que "o poder operário" se conquista com os sindicatos, como se estes pudessem tomar o poder. Por que não deixam os rodeios, deixam de falar em nome do trotskismo e propõem "um governo dos sindicatos"? Efetivamente, a direção do EEK é o último elo da corrente de direções que impedem que a enorme energia despregada pelas massas gregas se organizem em soviet –os órgãos da ditadura do proletariado- para organizar um verdadeiro escarmento decisivo à burguesia imperialista.

Em mãos dos trabalhadores a greve geral é um instrumento de luta contra o jugo capitalista e em mãos das direções reformistas, uma corda ao pescoço do proletariado para afogar suas energias revolucionárias

O marxismo revolucionário sempre considerou a greve geral não como um fim em se mesmo, senão como um elemento importante dentro da estratégia revolucionária. Assim dizia Trotsky, contra o fetichismo da greve geral que fazia o stalinismo a princípios dos 30 na Alemanha, durante seu terceiro período, para renegar de entregar-lhe ao proletariado uma perspectiva clara de triunfo sobre o inimigo de classe: *"Mas a luta grevista dos bolcheviques sempre fazia parte de uma estratégia geral, e os operários avançados viam claramente o laço que unia à parte com o tudo."* Para propor mais adiante: *"A greve deve ser um elemento importante num plano estratégico e não uma eclosão que afoga toda estratégia."* (1932 "A estratégia das greves" da luta contra o fascismo em Alemanha).

Por isso é que nesse mesmo trabalho Trotsky também esclarece quais são as perspectivas que abre a greve geral: *"A greve geral foi sempre um instrumento de luta contra o poder estabelecido do Estado, que dispõe dos transportes ferroviários, do telégrafo, das*

forças militares e policiais, etc. ***Paralisando o Estado a greve geral 'inspira medo' às autoridades, ou bem cria as condições para a solução revolucionária do problema do poder."*** (Idem, em negrito inseridos). Evidentemente em Grécia, com o movimento operário sob contenção relativa das direções reformistas, que estão evitando que desencadeie a luta pelo poder, as greves gerais até o momento não conseguiram ultrapassar o primeiro caráter que assinala Trotsky, o de inspirar "medo às autoridades", ou seja, o de pressionar de maneira extrema ao governo e ao regime. Mas isto se explica não porque as massas não tenham ultrapassado o caráter de pressão extrema que os reformistas pretendiam dar-lhe a suas grandiosas ações, senão porque em definitiva foram os reformistas quem conseguiram impor-se em sua luta contra a revolução proletária.

Nos acontecimentos da Grécia se estabeleceu um ângulo de 180º entre a direção que percorreram as massas e o curso que, a toda costa, jogaram-se a impor as direções traidoras. Efetivamente, ao impedir que a luta das massas gregas superasse as fronteiras da greve geral revolucionária do 5 de maio, os reformistas conseguiram fechar as perspectivas que para o marxismo revolucionário abre toda greve geral, tal qual o expressava Trotsky na França pré revolucionária de 1934, onde os trotskistas livrassem uma batalha para que se abrisse a revolução e a luta pelo poder: ***"Acima de toda greve geral não pode ter senão a insurreição armada****. Toda a história do movimento operário testemunha que toda greve geral, quaisquer que sejam as consignas sob as quais tenha aparecido,* ***tem uma tendência interna a transformar-se em conflito revolucionário declarado, em luta direta pelo poder."*** ("A onde vai França" 1934, em negrito inseridos).

Os altamiristas no presente estão chamando a uma greve geral indefinida para abrir o caminho à luta pelo poder, **quando já as recorrentes greves gerais, como toda greve geral que abarca desde o primeiro até o último dos explorados, propuseram com agudeza uma e outra vez o problema de que classe governa a nação.**

A posição da direção do EEK termina sendo um impedimento para que estas derroquem a Papandreau, destruam o regime e pulverizem a maquinaria estatal. É que só depois de que o proletariado fizesse 1, 2, 3, 4 e 5 greves gerais levantaram a consigna de fora "Papandreau". Uma verdadeira tragédia! Dizem-no quando a energia das massas começa a acabar-se provisoriamente e a burguesia festeja por meio seus vocifero do diário "O País" que na crônica do 8 de junho diz: "*mas uma baixa participação ofereceu uma sinal da crescente fadiga dos protestos contra as medidas de austeridade"*.

Estes vulgares sindicalistas, onde a greve geral é uma verdadeira necessidade das massas para centralizar suas forças e golpear como um só punho contra o inimigo de classes e suas instituições, a ocultam e jogam às escondidas com ela. Aí esta o caso da Espanha, onde condenam ao isolamento aos trabalhadores do Metrô em luta com sua política de não chamar justamente a impor a greve geral, igual que no caso do Portugal ou Irlanda etc. No entanto na Grécia, aplicam a política contrária, transformam a greve geral numa ferramenta de desgaste das energias das massas, dando-lhe um caráter de greve "de braços caídos"… uma vergonha.

Não é de estranhar, já em 2008, o EEK não chamou a pôr em pé os soviets e dividir ao exército para, derrotando a Karamanlis, abrir a revolução e preparar o caminho da insurreição. Isto em momentos que as massas com seus combates nas ruas, com suas barricadas e suas três greves gerais tinham posto em xeque a esse regime odiado, ao Estado assassino e ao governo. Depois, quando esse combate era levado à armadilha eleitoral, a direção do EEK não o denunciou, e longe esteve de utilizar as eleições como uma tribuna desde a qual chamar à classe operária a não deter a ação extra-parlamentar e a centralizar suas forças, pôr em pé seus organismos de autodeterminação e preparar a autodefesa. E quando Papandreu lançava o ataque e a classe operária respondia com duas greves gerais, conquistadas apesar e na contramão da burocracia sindical -socialdemocrata e estalinista-, o EEK não lhe disse às massas que o primeiro passo para enfrentar este ataque era atirar abaixo a Papandreu.

Quando, sustentado pela burguesia européia e ianque, Papandreu enviava o "plano de ajuste" ao parlamento para que seja legitimado, enquanto secionava no meio de um combate feroz das massas nas ruas que já conquistavam sua quinta greve geral, o EEK não chamou a destruir esse parlamento fantoche odiado pelas massas, não impulsionou o grito que em suas ações as massas impulsionavam: "Que se vão todos que não fique nem um só" da revolução de 2001 na Argentina, e também não lhe disse à classe operária em luta que a essa gruta de bandidos saqueadores da nação tinha que lhe opor um grande Congresso Operário, de soldados e de camponeses pobres que destruísse ao Estado, que impusesse um governo operário e camponês que expropriasse aos exploradores, único caminho para parar o ataque.

E agora dizem *"fora Papandreu"*, falam do *"poder operário"* e de abrir o caminho ao *"socialismo"*? Como se fora pouco, querem-lhe fazer crer às massas, que já protagonizaram SETE greves gerais só neste ano, que isto se conquista com uma nova greve geral, mas esta vez indefinida. Quanto cinismo!

Por isso é tão nefasta a política do EEK para o combate das massas gregas, já que sem lugar a dúvidas estas tenderam a transformar sua luta num conflito declarado pelo poder, isto é, na insurreição. Que foi senão a mobilização no centro de Atenas a mais de 200 mil operários e explorados durante a greve geral do 5 de maio, onde tentaram assaltar a cidadela do poder, como os ministérios, o palácio de governo e principalmente a gruta de delinqüentes pagados do parlamento ao grito de: "Que se queime, que se queime, o bordel do Parlamento!", com consignas contra os polvos do FMI e a reacionária UE; as multidões e as combativas marchas desenvolvidas nessa histórica jornada em Tesalónica, Patras, Ioannina ou a ilha de Creta; a destruição dos bancos e símbolos do grande capital; a luta de rua e o combate de barricadas. Insistimos, aquele foi um grito de guerra das massas que clamava aos quatro ventos por uma luta superior: a insurreição. E mais ainda, a nova negativa dos soldados rasos a reprimir os seus irmãos de classe revela que o proletariado aponta a elevar-se a esse estádio de luta. **Isto é que se deram, uma e outra vez, as melhores condições para conquistar os organismos centralizados de democracia operária –os soviet- que imponham um duplo poder ao interior da Grécia,** isto é, por um lado o decadente poder dos capitalistas e em seu oposto o nascente poder dos explorados auto organizados, única forma de que os revolucionários ganhemos a direção das massas caminho à preparação da insurreição triunfante. Disto último se declararam inimigos os "estrategistas" do EEK.

Se o EEK se pregueou a cada uma das greves gerais e ao calor delas não proponho a briga **por preparar e organizar a insurreição desde seus organismos de duplo poder** (que já surgiram embrionariamente e há que generalizar, coordenar, centralizar e armar nacionalmente), explica-se nada mais e nada menos que por seu sindicalismo. Pois, não há caminho ao poder operário nem ao socialismo se não é lutando por pôr em pé os soviet e a milícia armada, e o EEK demonstrou ser inimigo desta perspectiva.

Justamente, fechando o caminho aos soviets e ao armamento do proletariado, as direções reformistas, como o EEK, impediram uma insurreição ou semi insurreição que varresse com o governo e o parlamento do capital financeiro grego, sócio menor do Bundesbank, a Goldman Sachs e a JP Morgan.

A via pacífica do EEK para "abrir o caminho ao poder operário e ao socialismo", inimiga da estratégia soviética

No entanto, si bem a política do EEK está atravessada por um conteúdo idêntico ao cretinismo sindicalista dos anarquistas para com a luta do proletariado grego e europeu, seu cinismo é muito maior já que estes ex trotskistas o fazem em nome da luta pela tomada do poder, da ditadura do proletariado e o socialismo, ao que somam seu auto-proclamação de trotskistas.

À direção do EEK lhe cabe num 110% o que dizia Trotsky a quem enfocavam a greve geral por fora da luta pelo poder, ainda quando a greve demonstra ser de massas e expressa a disposição à luta dos explorados, pondo sobre a mesa a pergunta de quem "é o dono de casa?": *"Os chefes do proletariado devem compreender esta lógica interna da greve geral; caso contrário, não são chefes senão diletantes e aventureiros. Politicamente, isto significa que os chefes estão obrigados a propor ao proletariado o problema da conquista revolucionária do poder. Em caso contrário, não devem aventurar-se a falar de greve geral…**Ou a capitulação completa ou à luta revolucionária pelo poder:** tal é a alternativa que surge de todas as condições de crise atual. Quem não tenha compreendido esta alternativa, nada tem que fazer no campo do proletariado."* (Idem, destacados no original).

A greve geral indefinida que propõem os altamiristas nada mais é do que um novo passo desses reformistas na conspiração contra a luta das massas, já que estas não podem permanecer indefinidamente em greve geral, devem desenvolver uma ação histórica independente que lhes permita derrotar ao inimigo. O marxismo revolucionário já combateu a bakuninistas e economicistas em que sobre valoravam o papel da greve geral com o fim de que o proletariado não desafiasse e derrotasse o poder político da burguesia.

O EEK prega a via pacífica ao socialismo, propõe que se chega ao "poder operário" com uma greve geral indefinida. É uma tragédia para a classe operária grega! O EEK não sacou nenhuma lição da revolução chilena, quando Fidel Castro pessoalmente lhe fez crer às massas chilenas que se podia realizar o socialismo pacificamente, pela via eleitoral, sem expropriar à burguesia, aos monopólios, seus bancos, porque isso se garantia com o só fato que o "colega Allende estivesse no poder". Assim, e desarmando os cordões industriais, preparou-se o caminho para que Pinochet e suas forças armadas assassinas dessem seu golpe, impondo uma ditadura militar que lhe custasse a vida à heróica vanguarda operária chilena.

Justamente o chamado desta organização a uma greve geral indefinida para conquistar o "socialismo", deixando de lado a destruição do Estado burguês, a tomada do poder político e a organização do proletariado como nova classe dominante de um novo Estado, o Estado operário, dá fé ante o proletariado de que ao Estado burguês se o pode pressionar de maneira extrema até chegar ao "socialismo". Assim, todo seu programa impede que as massas em seu curso de luta superem as barreiras da democracia burguesa. Tragicamente a eles lhes fica como uma roupa à medida o que dissesse Trotsky nos 30 contra os anarco sindicalistas espanhóis e seu cretinismo sindicalista: renegar dos soviet armados, que devem constituir-se nos organismos para preparar a insurreição e a tomada do poder, significa deixar as organizações operárias e o poder político em mãos do reformismo e a burguesia respectivamente, isto é, em mãos de quem o detentam. É mais, nem sequer o EEK, corrente cujos locais foram atacados pelas bandas fascistas organizadas pelo grande capital, levantou um chamado de emergência para estabelecer o armamento generalizado do proletariado para defender-se destas bandas fascistas que procuram destruir à vanguarda do proletariado.

Com isto o EEK se abraça aos pais da política da via "pacífica ao socialismo", aos social-democratas Bernstein e Kautsky, e de golpe destrói as lições que extraiu o marxismo da revolução na

França de 1848-51, da gloriosa Comuna de Paris de 1871, da revolução russa de 1905 e 1917… e as que também mostram o atual processo grego.

Dessa política que renuncia a destruir o Estado burguês e a conquista do poder, é de onde deriva a completa ausência em seu programa da luta por pôr em pé o duplo poder armado da classe operária e os explorados da Grécia. É que tais organismos desde seu surgimento não somente se opõem ao poder da burguesia, senão que também o carcomem e socavam, porque através dos mesmos a classe operária deixa de depositar confiança em que a resolução de seus problemas virá da mão das instituições burguesas e confia unicamente em seu próprio poder: num Congresso de operários, camponeses, explorados e soldados rasos armados, que rompe o controle do Estado sobre as massas a um grau tal que mais temporão que tarde leva a definir o conflito entre os dois poderes antagônicos existentes, desde o ponto de vista do proletariado a desatar a insurreição ao qual se opõe a direção do EEK.

Não se pode falar em nome da IV Internacional se se nega a premissa fundamental da estratégia revolucionária. Trotsky sustentava em seu livro "A História da Revolução Russa" que: *"A organização em base com a qual o proletariado pode não só derrocar ao antigo regime, senão também substituí-lo são os soviet. O que depois foi o resultado da experiência histórica, até a insurreição de Outubro, era um simples vaticínio teórico verdadeiro, fundado no ensaio preliminar de 1905. Os soviet são os órgãos que preparam às massas para a insurreição, os órgãos da insurreição e, depois da vitória, os órgãos do poder"*. É neste sentido que desde a FLTI, ao redor da greve geral revolucionária do 5 de maio propúnhamos como tarefa imediata, que tinham que coordenar-se e centralizar-se as organizações operárias e às massas em luta, a seus piquetes de greve e seus comitês de autodefesa e os conselhos operários, cidade por cidade, região por região e a nível nacional. Propomos que é de vida ou morte pôr em pé um verdadeiro Congresso de Delegados de Base de todas as organizações operárias que garantiram a magnífica greve geral do 5 de maio.

Por que o EEK não fez ainda um chamado para generalizar e centralizar estes organismos de luta? Por que não chamou a pôr em pé os piquetes e os comitês de autodefesa para enfrentar à repressão, nem comitês de soldados para enfrentar ao regime e às bandas fascistas que inclusive os atacam a eles mesmos? É criminoso falar do "poder operário e o socialismo" sem chamar a pôr em pé a milícia operária e o armamento generalizado para combater às forças repressivas do Estado. Já o demonstraram os trabalhadores e as massas exploradas no Madagáscar e Quirguistão! Para conquistar o pão, para que não fechem as fábricas, para não ser demitido, para alimentar a seus filhos, isto é para parar o feroz ataque que o imperialismo lançou sobre as massas do mundo, a classe operária deve armar-se como em Madagáscar, que demonstrou que "quem tem armas tem o pão"; e para atirar abaixo aos governos há que fazer como os operários super explorados do Quirguistão. Isto é que para conseguir o mínimo há que lutar por tudo.

A "greve geral indefinida" que propõe o EEK termina sendo, objetivamente, oposta à estratégia revolucionária do bolchevismo, já que se opõe aos soviets, ao duplo poder e, com isso, a que se abra a revolução na Grécia. Esta política prepara as condições para desgastar as energias revolucionárias da classe operária com uma greve geral indefinida e com as massas desarmadas, permitindo assim que a burguesia descarregue todo o peso da crise sobre as costas dos explorados, com bonapartismo, fascismo e inclusive com a volta dos coronéis assassinos.

Superabundância de direções traidoras e falta de um partido revolucionário: o limite ao combate das massas na Grécia

Estes são os custos para os trabalhadores gregos e europeus por não ter, o proletariado internacional, um Estado maior revolucionário, um partido trotskista, internacionalista e insurrecional. Os renegados como a direção do EEK, ainda tendo uma grande influência sobre setores da vanguarda operária e juvenil, não foram uma voz valente que proponha ao proletariado um programa político para resolver o conflito a seu favor, além do que encham sua boca com consignas extraídas do programa do trotskismo.

Como o expressava Trotsky na revolução espanhola as massas não podem improvisar no meio da luta, no campo de batalha uma direção revolucionária. O EEK longe está de ser um "partido pluma" que nivele a balança para a classe operária. Que mais se lhes pode pedir às massas gregas que disseram presente em cada um dos combates decisivos?

O problema se reduz exclusivamente ao fator direção. Tão é assim que as massas chocaram de frente contra a política de suas direções. Para nós se deu uma situação muito similar à da revolução russa de dezembro 1905, na qual no meio da greve geral revolucionária as massas clamavam por um combate superior.

Em relação a esse histórico ensaio geral revolucionário Lenine sustentava: *"Mas a própria ação de dezembro em Moscou demonstrou de maneira palpável que* ***a greve geral, como forma independente e principal de luta, caducou; que o movimento, com espontânea e irresistível pujança, extravasa este marco estreito e engendra a forma mais alta de luta: a insurreição".*** ("Os ensinos da insurreição de Moscou" agosto de 1906, em negrito inseridos).

Lenine explicava como a greve geral tendia a transformar-se em insurreição: *"A greve geral se transforma em insurreição, antes de nada, sob a pressão das condições objetivas criadas depois de outubro. Já não era possível surpreender ao governo por meio de uma greve geral: este tinha organizado as forças da contra revolução e estas estavam preparadas para atuar militarmente. Tanto no curso da revolução russa depois de outubro, como a sucessão dos acontecimentos do Moscou nas jornadas de dezembro, são uma assombrosa prova de uma das profunda teses de Marx: a revolução, ao avançar, engendra uma contra revolução forte e unida; em outros termos, obriga ao inimigo a recorrer a medidas de defesa cada vez mais extremas e, pelo mesmo, cria meios de ataque cada vez mais poderosos."* (Idem).

E, em oposição aos balanços dos mencheviques que diziam que nos acontecimentos de 1905 o problema dos problemas foi que o proletariado chegou demasiado longe, questão que também poderíamos recriminar ao EEK no sentido de que ocultaram o combate pela conquista dos soviet e o duplo poder, e portanto negaram a luta pela insurreição. Portanto, claro está, a direção do EEK se opõe a que o proletariado supere o status de seu combate e vá mais longe do que já chegou. Tal qual o faziam os mencheviques, anulam o papel do partido revolucionário que lhe entrega ao proletariado, como um de seus aportes centrais, a arte da insurreição- Lenine afirmava o que segue: *"E hoje devemos, ao fim, reconhecer abertamente a insuficiência das greves políticas; devemos levar a mais ampla agitação entre as massas a favor da insurreição armada, sem tratar de escurecer esta questão com frases sobre 'etapas preliminares' nem de ocultá-la em forma alguma. Ocultar às massas a necessidade de uma guerra de extermínio encarniçada, sangrenta, como tarefa imediata da ação revolucionária que se vem, seria enganar-nos e enganar ao povo."* (Idem).

A política do EEK é tão criminosa já que as massas na Grécia tenderam a transformar sua luta num conflito declarado pelo poder, isto é, na insurreição. Mas encontraram como resposta a suas exigências de combate não um programa e uma direção firme, que proponha os problemas da revolução e a guerra civil com clareza, senão a covardia e o confucionismo das direções reformistas como o EEK. Aos trotskistas da FLTI isto não nos surpreende já que vimos ao partido irmão do EEK em Argentina, o Partido Obrero (PO) juntar votos para Evo Morales, o assassino de operários e camponeses; esse PO que ontem chamou a apoiar ao coronel Gutiérrez no Equador que fora derrotado pelas massas nas ruas, esse PO que conforma o coro de reformistas na revolução Argentina mudaram a consigna de "que se vão todos que não, que não fique nem um só" por uma Assembléia Constituinte com a burguesia, que hoje faz tremer à burguesia imperialista européia e mundial. Deixem de falar em nome do Trotskismo e a IV Internacional!

Os partidos que durante as cinco primeiras greves gerais revolucionárias na Grécia não lhe propuseram à classe operária a necessidade de avançar a derrotar ao governo e ao regime para abrir a revolução e hoje, dizem-lhe que com uma greve geral indefinida é possível "abrir o caminho ao poder operário e ao socialismo" são a ala "esquerda" dos social imperialistas que na Cume do Madri chamaram a fortalecer a essa União Europa dos açougueiros imperialistas que massacram em Afeganistão e saqueiam ao mundo semi colonial. É que transformaram essa ferramenta de luta política de massas, como é a greve geral, em ações de pressão sobre a burguesia. A greve geral, em mãos das direções reformistas do proletariado, termina sendo uma paralisação de braços caídos.

Greve geral indefinida para *"abrir o caminho ao poder operário e ao socialismo"* ou greve de pressão para o 29 de setembro, duas caras da mesma política. Por uma e outra via estão para impedir que a classe operária confronte e derroque os governos e regimes imperialistas europeus. É assim que, até agora, impediram que o proletariado na Europa unifique suas filas numa greve geral revolucionária continental. Permitiram assim que os parasitas imperialistas passem o ataque ao conjunto dos explorados e agora dizem convocar a uma greve geral…para o 29 de setembro! Uma farsa. Enquanto eles declamavam sua greve os operários do metrô na Espanha seguiam brigando asilados e hoje se viram obrigados a levantar a greve e aceitar os planos da burguesia imperialista, enquanto o combate das massas gregas foi cercado.

Para que o proletariado da Europa viva deve soar nas ruas de Atenas, Madri, Paris, Londres nos países do Leste e na Rússia, o grito de guerra: Governo que ataca, governo que cai! **GREVE GERAL CONTINENTAL, JÁ!** Desde as organizações de luta da classe operária e os comitês de imigrantes há que convocar a um Congresso Continental que centralize o combate das massas desde Portugal até as estepes russas e secione na Atenas para romper o cerco das massa gregas.

Oposto ao programa reformista do EEK, desde a FLTI dizemos que para abrir uma perspectiva de triunfo o proletariado grego e europeu deve seguir o caminho de Quirguistão, que desarmando à polícia, em grandes ações revolucionária de massas, assaltou a cidadela do poder e atirou abaixo ao governo de Bakiev abrindo a revolução.

A essa cova de bandidos do parlamento europeu, há que lhe opor a unidade internacionalista da classe operária européia e mundial! Uma só classe, uma só luta! Abaixo Maastricht e a União européia! À Europa dos açougueiros imperialistas e dos novos governos burgueses do Leste europeu e da Rússia, onde a lacra estalinista restaurou o capitalismo, há que lhe opor a luta pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!

Ou se está com a ala esquerda do V Internacional, os social imperialistas dos NPA (Novos Partidos Anticapitalistas, NdT) e sua "Cume dos Povos" (Cume realizada no Madri) que traem e entregam a luta dos explorados no mundo todo, ou se está com o programa da Quarta Internacional revolucionária de 1938 de que se abra a revolução na Grécia como um episódio da revolução européia e mundial!

Partido Obrero Internacionalista - Cuarta Internacional de Chile

Notas

[1] EEK: Partido Revolucionário dos Trabalhadores, seção grega do Comitê da Re-fundação da Quarta Internacional (CRQI) dirigido pelo Partido Obrero (PO) da Argentina.

[2] Altamira: Principal dirigente do Partido Obrero (PO) da Argentina.

Apresentamos a seguir uma polêmica do Partido Operário Internacionalista-Quarta Internacional do Chile, integrante da Fração Leninista Trotskista Internacional, a propósito do programa para o triunfo da revolução na Grécia

Duas estratégias para o proletariado internacional:

OU PROGRAMA REVOLUCIONÁRIO PARA QUE SE ABRA A REVOLUÇÃO E O PROLETARIADO CONQUISTE O PODER,

OU PROGRAMA REFORMISTA PARA SUBMETER AOS EXPLORADOS À BURGUESIA

Em Grécia, hoje, vive-se uma situação pré-revolucionária aguda onde, no meio de uma fenomenal crise do sistema imperialista mundial, os de acima não podem governar como antes e os de abaixo já não querem ser governados. A crise da economia grega é só a expressão nacional da bancarrota generalizada dos Estados imperialistas europeus, que saíram a salvar da quebra à banca e aos monopólios imperialistas. O ataque que hoje descarregam sobre as massas, nesse país e em toda Europa, é a única maneira que tem a burguesia para recuperar parte dos valores por 90 trilhões de dólares que em Wall Street se gastaram a conta do que o trabalho humano ainda não produziu.

Por isso, os acontecimentos na Grécia concentram a polarização e choque entre as classes e a guerra civil encarnada, que está estabelecida a nível mundial, entre os exploradores e os explorados. Mas ademais a situação é tudo o revolucionária do que a direção reformista que tem a sua frente lhe permite ser. É que mil tentativas fizeram o proletariado grego para entrar em manobras de revolução, mas suas direções lhe impedem chegar ao triunfo.

Já entre finais de 2008 e princípios de 2009 as massas gregas tinham posto nas ruas o grito de guerra de “Abaixo Karamanlis! Abaixo o Estado assassino!” Tomaram as ruas impulsionadas pelo ódio de classe ante o assassinato de Alexandros Grigoropulos perpetrado pela polícia, combinado com o ataque generalizado da burguesia e o Estado a suas condições de vida. Os explorados na Grécia com suas barricadas se enfrentavam fisicamente com as forças repressivas, mobilizavam-se em massa e tomavam estabelecimentos. Então, a classe operária e a juventude combativa já identificavam aos inimigos dentro de suas filas e os enfrentavam como o fizeram com a burocracia fura-greve do KKE (Partido Comunista grego), que foi jogado a pontapés da central de Tesalonica. Assim os explorados na Grécia entravam em luta política de massas, ameaçando com abrir a revolução, pondo em xeque ao odiado governo assassino do ND (Nova Democracia) e ao regime bi-partidista grego.

No entanto, o anarquismo e os renegados do trotskismo, correntes que influenciam a vastos setores da vanguarda operária e juvenil, negaram-se a propor a tarefa superior do proletariado grego que precisava **avançar numa ação independente de massas que desarticulasse ao regime, ao Estado e ao governo abrindo assim a revolução.** Foram inimigos disso e de chamar aos soldados, que se negavam a reprimir seus irmãos de classe, a romper com a casta de oficiais, pilar fundamental do regime.

Nesse momento, para desviar o combate revolucionário das massas gregas, o imperialismo ianque, europeu e grego, da mão da Goldman Sachs e a JP Morgan, impuseram eleições antecipadas para legitimar ao regime e suas instituições fazendo uma troca de governo com a cara social-democrata de Papandreu (PASOK, Partido Socialdemocrata Grego, NdT) que em realidade seria o continuador de Karamanlis. Nesta vergonhosa armadilha entraram todas as direções do proletariado já que ninguém a denunciou e muito menos advertiu do que Papandreu seria a garantia de aplicar esse feroz plano do imperialismo para descarregar sua crise sobre o proletariado. O PC (KKE), como não podia ser de outra maneira

Continua em pagina 11